Anais do V encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB/Sul.

De 20 a 23 de novembro de 2006, na cidade de Rio Grande, RS

ESTUDO PARA RESTAURO DE VASILHAS CERÂMICAS INDÍGENAS PRÉ-HISTÓRICAS.

Baco, H. M. (FCT/UNESP);
Faccio, N.B. (FCT/UNESP)

As técnicas de restauração são estruturadas a partir do objeto que pretendemos restaurar. No caso de urnas funerárias pré-históricas é necessário ter um cuidado maior, pois não podemos descaracterizar sua representatividade assinalada pelo seu aspecto arquétipo, do qual se copiará toda sua sensibilidade no desenvolvimento da restauração.

Para tanto, precisamos agir como um arquivista, ou seja, a organização do trabalho é fundamental, haja vista que estamos diante de um monumento antigo que se encontra aos pedaços. Desse modo, devemos estruturar nosso pensamento na ânsia da descrição dos fragmentos que temos em mãos. A partir desse arranjo, a boa disposição e a paciência são fundamentais para conseguirmos dar vida às combinações de fragmentos que, em ordem, possibilitarão recompor a forma original da urna.

No procedimento de restauração devemos primeiramente, limpar as peças com um pincel e se for preciso lavar os cortes dos fragmentos banhando em água com uma escova. Devemos evitar a lavagem das peças sempre que possível. Se lavados, os fragmentos devem ser postos para secar em temperatura ambiente, longe da luz do sol.

Estando as peças limpas, iniciamos o processo de organização dos fragmentos. Essa ação visa à separação em conjunto dos fragmentos que compõem uma mesma parte da vasilha. Assim, temos conjuntos de fragmentos para cada uma das partes que compõe a peça, ou seja, conjuntos de fragmentos que compõem a base, paredes e bordas.

Para acharmos à identidade dos fragmentos devemos nos ater as espessuras, tempero, tipo de queima, cor, decoração etc. Geralmente, os fragmentos que fazem parte da base são de maior espessura, as paredes são um pouco mais finas que a base e as bordas são mais finas que as paredes.

Para o restauro misturamos a argila pura com a cola branca, não tóxica até obter uma pasta homogênia de consistência média ao tato.

A colagem tem início pelo conjunto de fragmentos que formam a base da peça. Dessa forma, colamos primeiro a base e depois os fragmentos da parede e da borda respectivamente (**Foto 1**).

Foto 1: Colagem dos fragmentos de borda. Museu Histórico de São Mateus, Sala de Arqueologia. Foto: Arqueóloga Neide Barrocá Faccio, 2006.

No Processo de acabamento, modela-se a argila, para completar possíveis partes que estão faltando, ou seja, deve-se argamassear com a argila pura os buracos deixados pela falta do

fragmento original e as fissuras que ficam entre as uniões dos fragmentos. Terminada essa fase deixamos secar.

Após a secagem, limpamos a vasilha com um pedaço de flanela úmida. A limpeza tem por objetivo retirar o excesso de argila e cola presente nas fraturas.

Depois da peça colada e limpa utilizamos tinta guache que solúvel em água, para atenuarmos as marcas das fraturas. Na restauração de urnas funerárias pré-históricas, as cores mais usadas são o marrom, o amarelo ocre, o preto, o vermelho e o branco. As tintas devem ser misturadas de forma dosada até que se obtenha a tonalidade de cor desejada.

Para a aplicação das tintas, utilizamos um pincel pequeno de formato chato e pelos duros ou as próprias pontas dos dedos. Busca-se com esse trabalho chegar à tonalidade da cor original da cerâmica. Após a primeira aplicação esperamos a tinta secar para aplicar a segunda camada de tinta. Com aplicações sucessivas de camadas de tintas, buscamos chegar ao tom de cor ideal, ou seja, a cor original da cerâmica (**Fotos 2 e 3**). Ressaltamos que a aplicação de tinta deve ser feita somente em partes da vasilha que não possuem decoração pintada ou engobo.

Na etapa seguinte, finalizamos o trabalho de restauração, diluindo a mistura de tinta, que deu origem a cor original da cerâmica da peça, em um pequeno recipiente contendo água. Encharcamos um pedaço de flanela nesse líquido e passamos esse por toda a superfície da urna, dando encerramento ao trabalho.

Foto 2: Urna funerária evidenciacida no Sítio dos Neves em processo de restauração por Hiuri Marcel di Baco. Foto: Arqueóloga Neide Barrocá Faccio.

Foto 3: Urna funerária evidenciacida no Sítio dos Neves em processo de restauração por Hiuri Marcel di Baco. Foto: Arqueóloga Neide Barrocá Faccio.

A metodologia apresentada aponta para o uso em futuras restaurações, contribuindo assim para a preservação do patrimônio artístico/cultural brasileiro, tendo em vista que a qualquer momento o material usado no processo de restauro pode ser removido com água.